

RESENHA

Garrido, Carlos. **Dicionário de zoologia e sistemática dos invertebrados:** português, espanhol, inglês, alemão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019, 592 pp.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.371

Maria do Carmo Henríquez Salido
Universidade de Vigo, mcsalido@uvigo.es

Uma das mais importantes e prestigiosas Universidades da Ibero-América publicou em dezembro de 2019 este volumoso dicionário terminográfico. O autor é o professor e investigador galego Carlos GARRIDO, Doutor em Biologia pela Universidade de Santiago de Compostela (Galiza), Licenciado em Tradução pela Universidade de Vigo e Professor Titular da cadeira de Tradução Técnico-Científica nesta universidade. Está dedicado “*Ao Scórpio, o acúleo de cujo cálamo instilou em nós enérgica peçonha: e cabal epifania da língua*”, em referência ao Professor Catedrático da Universidade de Santiago de Compostela Ricardo Carvalho Calero, um dos maiores investigadores, eminentes humanistas e lingüistas da Galiza do século XX, defensor da reintegração do galego no tronco comum galego-português, presente na tradição galeguista e nacionalista, ideia pela qual foi condenado na sua Terra, nos últimos quinze anos da sua vida, ao silêncio e ao ostracismo pelos *lobbies* da cultura oficial (e, em certa medida, também pelo poder autonômico). Este dicionário constitui, assim, uma das homenagens científicas mais dignas e nobres que podem ser-lhe prestadas no ano em que se lhe dedica na Galiza o ‘Día das Letras Galegas’, um rito anual que se vem realizando desde o ano 1953.

O autor já tinha publicado com anterioridade alguns repositórios terminográficos e um amplo conjunto de livros e artigos de investigação nos campos da lexicologia, da lexicografia e da tradução técnico-científicas. De fato, na sua condição de professor de tradução científica, Carlos Garrido tem sido reconhecido pelas traduções do inglês e do alemão para o galego-português, entre outros, de textos de Ernst Mayr, Peter Ax, Walter Sudhaus e Klaus Rehfeld e Ulrich Kutschera.

A macroestrutura da obra aqui focalizada inclui o ‘*Prefácio*’ (p. 9-10), que se inicia com este axioma comprovável empiricamente, quando se consulta ou lê este volume: A Zoologia é a ciência dos nomes. Com efeito, não só ela compreende um imenso elenco de denominações,

científicas, paracientíficas e vernáculas, de grupos de organismos — descreveu-se cerca de um milhão de espécies de animais, a cujos nomes devem somar-se ainda aqueles que, aos milhares, denotam táxons supraespecíficos— mas também, como disciplina basicamente descritiva, transborda de termos referentes a estruturas, fenômenos ou processos presentes e decorrentes na exuberante diversidade da vida. Esse profuso acervo de vozes referenciais [...] não podia permanecer alheio, nem pelo seu volume nem pela sua importância intrínseca como veículo de transmissão de ideias científicas [...] apesar de nos últimos decênios terem aparecido meritorias obras de carácter terminográfico, unilingues ou plurilingues, [...] de entre as comunidades lingüísticas mundiais é provavelmente a portuguesa a que em maior medida se vê afectada por essa lacuna terminográfica (p. 9).

A seguir, aparece o ‘*Conteúdo, Metodologia e Bibliografia*’ (p. 11-16), onde se salienta que este dicionário “oferece informações terminológicas (em português, espanhol, inglês e alemão, com cerca de 60 mil termos e informações conceituais (em português ou mediante denominações científicas de táxon, com cerca de 6.850 definições) sobre noções que dizem respeito à morfologia, embriologia, fisiologia, ecologia, filogênese, diversidade, sistemática e nomenclatura dos protozoários e dos animais invertebrados” (p.11).

A obra “baseia-se na exploração terminológica de uma série extensa de manuais universitários, monografias faunísticas, guias de campo, repositórios lexicográficos e artigos de investigação” e menciona as fontes principais e autores (p. 11). Menção diferenciada merece o capítulo da zoonímia, por estar “disponíveis nas diferentes comunidades lingüísticas três tipos de denominações concorrentes”: a) *denominação científica*, de feição latina ou latinizada; b) *denominação paracientífica*, que surge nas línguas que utilizam alfabeto latino, através de uma ligeira adaptação do nome científico às peculiaridades do correspondente idioma vernáculo; e c) *denominação vernácula*, muito variável entre as diversas línguas. Este fato explica o enorme caudal de termos e definições conceituais.

Seguem as ‘*Normas de Utilização*’ (p. 17-18); as ‘*Abreviaturas e Símbolos Utilizados no Dicionário*’ (em português, espanhol, inglês e alemão) (p.19-22), onde se explicam as CONVENÇÕES ADICIONAIS DE ESCRITA:

C) NEMATODA /Nematoda Os verbetes encabeçados por denominações científicas de táxon escritas em maiúsculas consignam os nomes de táxon vernáculos e paracientíficos equivalentes disponíveis nas diferentes línguas; os verbetes encabeçados por denominações científicas de táxon escritas em minúsculas resenham os nomes vernáculos ou paracientíficos dos animais integrantes do respectivo grupo (p. 19).

Por último, aparece a ‘Seção Principal’, organizada pela ordem alfabética dos termos portugueses e dos nomes científicos dos grupos taxonômicos. Os verbetes e entradas remissivas surgem em três colunas em letra de corpo 10 (p. 23-589); a obra oferece uma visão

integradora da lusofonia, prestando também atenção às variantes da Galiza, país lusófono pequeno mas muito significativo, por constituir a “matriz do mundo lusobrasileiro”, em palavras de Sílvia ELIA (1986: 194).

Se repararmos nas denominações vernáculas em português, espanhol, inglês e alemão dos grupos (espécies, gêneros, famílias, etc.) dos animais invertebrados, achamos conjuntos numerosos, e as próprias do Brasil, de Portugal e da Galiza distinguem-se mediante uma letra maiúscula ([B], [P] e [G]). A seguir, apenas citamos alguns exemplos (as cifras são aproximativas): abelha (50) (abelha-assassina, abelha caseira); abelhão (14); ácaro (94); alforreca [P] (22) (= água-viva [B] / água-má [G]); amêijoa (18) (amêijoa-babosa [G], amêijoa-branca [P+G], amêijoa-fina [G], amêijoa-ruiva [G]); anémona/anêmona (24); aranha (90); avelainha (210); berberecho (4) [G]; besouro (250) [P+G] / escaravelho [G]; borboleta (diurna) (300); anisakis (3); berberecho [G] (berberecho-de-bicos, berberecho-de-espinhos, berberecho vulgar); besouro (128) ([P+B]/escaravelho [P+G]); carabela portuguesa (1); caracol (120); caranguejo (50); carraça (45) [P+G]/carrapato [B] (45); cavalinho-do-demo / cavalinho-do-diabo (20); cigala (3); cigarra (40); cigarrinha (21); centola [G]; cigarra (40); cigarrinha (21); estrela-do-mar (19); formiga (120); gafanhoto (78) [P+B]/saltão [G]; gorgulho (40) (gorgulho-das-castanhas, gorgulho-da-videira); grilo (29) (grilo-caseiro [B], grilo-das-casas [P+B]); joaninha (18) (joaninha-de-dois-pontos, joaninha-de-vinte-e-dois-pontos); lacrão (3); lagosta (10); lagostim (11); lesma (32); libelinha (29); mariposa (280); mexilhão (20); mosca (140); mosquinha (5); mosquitinha (1) [B]; mosquitinho (1) [B]; mosquito (27); navalha (4); navalheira (7) [P]/siri [B]/nécora [G]; ostra (16) (ostragaiteira [B]); percevejo (190); piolho (38); polvo (8); pulga (24); pulgão (60); sanguessuga (19); santiaguinho (2); térmite (16) [P+G]/cupim [B]; traça (58); vaca-loira (5); vaga-lume (8); verme (50); vespa (100); vespão (100), etc.

A publicação deste dicionário terminográfico representa um triunfo da estratégia reintegracionista, aquela que aspira a conseguir para o galego “uma substancial reintegração no tronco comum, a que pertence por história e tradição”. Além disso, a obra, na melhor tradição autonomista do reintegracionismo, integra as particularidades lexicais galegas, bem marcadas, em pé de igualdade com as soluções lusitanas e brasileiras. Por conseguinte, a edição no Brasil desta obra lexicográfica concebida na Galiza, e em galego, bem pode considerar-se condigna homenagem a três personalidades emblemáticas da nossa língua comum, “três vultos que [...] podem considerar-se como mestres por antonomásia dos estudos filológicos nos três territórios mais característicos em que vive o idioma português” (MONTERO, 1991: 32): Manuel RODRIGUES LAPA (Anadia, 22 de abril de 1897 – 27 de março de 1989), Celso FERREIRA DA CUNHA (cidade de Teófilo Otôni, Minas Gerais 1917- Rio de Janeiro 1989) e Ricardo CARVALHO CALERO (Ferrol, 1910 – Santiago de Compostela, 1990).

Para findarmos esta resenha, queremos dar os nossos parabéns ao Reitor da Universidade de São Paulo, o Professor Doutor Vahan Agopyan, e à Comissão Editorial da Edusp, por terem promovido e editado esta magna obra, de enorme interesse para um público diverso, integrado, para já, por pesquisadores, docentes e estudantes universitários de Biologia, mas também, com grande proveito, por tradutores científicos, lexicógrafos, lexicólogos e, nomeadamente, morfólogos, os quais aqui poderão verificar que uma das características da terminologia científica é a elevada frequência dos compostos sintagmáticos (grilo-caseiro, grilo-das-casas; vaca-loira; vaga-lume;) e também de unidades formadas por derivação sufixal (cigarra, cigarrinha; mosca, mosquinha, mosquitinha; mosquitinho) ou por derivação e composição (joaninha-de-dois-pontos, joaninha-de-vinte-e-dois-pontos).

Referências

- CARVALHO CALERO, Ricardo. **Problemas da língua galega**. Lisboa: Sá da Costa, 1981.
- CUNHA, Celso; LINDLEY CINTRA, Luis Filipe. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ELIA, Sílvio: O galego-português matriz do mundo lingüístico lusobrasileiro. In: **Actas do I Congresso Internacional da língua Galego-Portuguesa na Galiza**. Corunha: Associação Galega da Língua, p. 185-196, 1986.
- MONTERO SANTALHA, José Martinho. Carvalho Calero e a língua portuguesa na Galiza. In: **Ricardo Carvalho Calero; a razón da esperanza**. Vigo: Promocións Culturais Galegas, p. 33-40, 1991.
- RODRIGUES LAPA, Manuel. **Estudos galego-portugueses; por uma Galiza renovada**. Lisboa: Sá da Costa, 1979.